



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## A Hora da Estrela: desamparo e tragicidade na obra clariciana

**Jéssica Samantha Lira da Costa**

Orcid: [0000-0002-9030-8046](https://orcid.org/0000-0002-9030-8046)

Psicanalista

Doutora em Psicanálise – teoria e clínica, pela Universidade Federal do Pará / UFPA (Pará, Brasil)

Doutorado Sanduíche no programa de Psychanalyse et Psychopathologie da Université de Paris VII (Paris, França)

Professora da Faculdade Estácio de Belém (Pará, Brasil)

Diretora do Centro de Estudos Freudianos de Belém (Pará, Brasil)

E-mail: [jessica.s.lira@hotmail.com](mailto:jessica.s.lira@hotmail.com)

**Maurício Rodrigues de Souza**

Orcid: [0000-0002-6290-000X](https://orcid.org/0000-0002-6290-000X)

Psicólogo

Pós-Doutor em Teoria psicanalítica, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Professor do departamento de pós graduação de Psicologia da Universidade Federal do Pará / UFPA (Pará, Brasil)

E-mail: [mrs.souzaa@gmail.com](mailto:mrs.souzaa@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo abordar a noção freudiana de desamparo a partir da leitura do último romance da escritora Clarice Lispector, intitulado A Hora da Estrela. A metodologia adotada na presente pesquisa consiste em uma pesquisa bibliográfica, sendo privilegiado o referencial teórico freudiano. O intuito do trabalho consiste em realizar aproximações entre as noções de desamparo, literatura e tragicidade na teoria psicanalítica e no texto clariciano aqui abordado. Sabendo que a obra clariciana propicia que diversas leituras sejam efetivadas, optamos por realizar um recorte teórico e fincar nossas observações em trechos da obra que nos levem ao entendimento do conceito teórico freudiano de desamparo. Assim sendo, conclui-se que o desamparo é a expressão máxima da marca humana e que há maneiras de lidarmos com esta verdade tão avassaladora, inclusive por meio da arte poética. Ainda que as marcas deixadas por esta verdade, que são compostas de tragicidade e conflito, sejam demasiadamente rígidas, a psicanálise e a literatura nos fornecem subsídios para enfrentá-las.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Literatura; Desamparo; Trágico; Macabéa.

**L'heure de l'étoile: impuissance et tragédie dans l'œuvre de Clarice:** Le présent travail vise à aborder la notion freudienne d'impuissance à partir de la lecture du dernier roman de l'écrivain Clarice Lispector, intitulé L'heure de l'étoile. La méthodologie adoptée dans cette recherche consiste en une recherche bibliographique, en privilégiant la référence théorique freudienne. Le but du travail est de faire des rapprochements entre les notions d'impuissance, de littérature et de tragique dans la théorie psychanalytique et dans le texte lispectorien abordé ici. Sachant que l'œuvre de Clarice permet d'effectuer plusieurs lectures, nous avons choisi de faire une coupure théorique et de baser nos observations sur des extraits de l'œuvre qui nous amènent à la compréhension du concept théorique freudien d'impuissance. Nous en concluons donc que l'impuissance est l'expression ultime du manque humain et qu'il existe des moyens de faire face à cette vérité écrasante, y compris par le biais de l'art poétique. Bien que les marques laissées par cette vérité, qui sont composées de tragique et de conflit, soient trop rigides, la psychanalyse et la littérature nous fournissent des subventions pour y faire face.

**Mots clés:** Psychanalyse; Littérature; Impuissance; Tragique; Macabéa.

**The Hour of the Star: helplessness and tragedy in Clarice's work:** The present work aims to address the Freudian notion of helplessness from the reading of the last novel by the writer Clarice Lispector, entitled The Hour of the Star. The methodology adopted in this research consists of a bibliographical research, being privileged the Freudian theoretical framework. The purpose of the work is to make approximations between the notions of helplessness, literature and tragedy in psychoanalytic theory and in the Clarice's text addressed here. Knowing that the author's work allows several readings to be carried out, we chose to make a theoretical cut and base our observations on excerpts from the work that lead us to the understanding of the Freudian theoretical concept of helplessness. Therefore, it is concluded that helplessness is the maximum expression of human mark and that there are ways to deal with this overwhelming truth, including through poetic art. Although the marks left by this truth, which are composed of tragedy and conflict, are too rigid, psychoanalysis and literature provide us with subsidies



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

to face them.

**Keywords:** Psychoanalysis; Literature; Helplessness; Tragic; Macabéa.

## **A Hora da Estrela: desamparo e tragicidade na obra clariciana** *Jéssica Samantha Lira da Costa & Maurício Rodrigues de Souza*

### **Introdução**

Na apresentação à primeira edição do livro *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, o jornalista e escritor José Castello afirma que Clarice havia escrito um livro singular e que ele – o romance – falava sobre o desamparo ao qual, apesar do consolo da linguagem, todos estamos entregues. A afirmativa de Castello (1998) nos faz recordar outra citação, desta feita da psicanalista Sonia Leite: "(...) o fato é que a palavra, tão valorizada na experiência psicanalítica, é acima de tudo aquilo que pode iluminar a vida, recobrando o desamparo" (Leite, 2011, p. 56). Ela corrobora em parte aquilo que Castello (1998) havia dito porque demonstra que, muito embora tenhamos um abrandamento do sofrimento justamente pela via da palavra, da fala, da linguagem, ainda assim não conseguimos tamponar por completo aquilo que nos é mais característico: o desamparo.

Destarte, o presente artigo abordará a problemática do desamparo, a partir da literatura freudiana, enveredando o conceito pelos meandros da última obra clariciana, a saber: a hora da estrela. Por que realizar um retorno ao desamparo freudiano? A maneira como encontramos de ler o romance (ou novela?) de Clarice foi através da noção freudiana de desamparo, tendo em vista que a personagem principal, Macabéa, é a expressão máxima daquilo que Freud outrora conceituou (conceito este que veremos a seguir).

O artigo será estruturado de maneira que consiga abarcar a noção de desamparo em Freud, para que depois possamos abordar as peculiaridades da obra clariciana – *A hora da estrela* – e, por fim, possamos realizar o entrelaçamento da noção freudiana de desamparo com a tragicidade na obra clariciana.

### **Acerca da Noção de Desamparo (*Hilflosigkeit*)**

O prefixo *des* da palavra desamparo passa a ideia de separar, apartar, afastar. O termo amparo, por sua vez, vem do latim *anteplus*, que significa preparar-se antes, estar pronto de antemão, à frente. Logo, o **desamparo** remete ao estado de profundo abandono, condição daquele que está abandonado.

Iniciamos nossas considerações sobre o desamparo situando o tema como objeto de incessante discussão no meio psicanalítico. Tudo porque não há em toda a vasta obra freudiana um único estudo específico sobre o desamparo, apesar de Freud haver feito alusão a ele ao longo vários dos seus escritos. A questão é tão complexa que um dos maiores dicionários de psicanálise disponíveis, escrito por autores renomados mundialmente como Roudinesco e Plon (1998), não possui um verbete destinado diretamente à noção de desamparo. O que é, no mínimo, curioso de se aludir. Afinal, como um dicionário tão robusto e completo não dedica um verbete para uma noção (ou conceito?) tão arraigada na teoria psicanalítica?

Encontramos, é verdade, em Laplanche e Pontalis (2001) um verbete destinado ao desamparo.

Contudo, impõe-se aqui outra vez um impasse, já que no *Vocabulário de Psicanálise* o verbete surge com parênteses e entre eles podemos ler "estado de", novamente indicando que não se trata de um conceito. Começamos pela definição dos próprios autores:

Termo da linguagem comum que assume um sentido específico na teoria freudiana. Estado do lactente que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia (Laplanche & Pontalis, 2001, p.112).

Já na descrição acima destacada é possível entender a existência de pontos em comum entre a noção psicanalítica de desamparo e o emprego do termo usualmente feito pelo senso comum. Afinal, como relatam Laplanche e Pontalis (2001), *Hilflosigkeit* é um termo comumente utilizado na língua alemã. Voltando, porém, à questão anteriormente levantada sobre o porquê de Laplanche e Pontalis (2001) optarem por utilizar "estado de desamparo", em vez de pura e simplesmente "desamparo", os autores justificam sua escolha afirmando que a proposta se deu pelo fato de Freud compreender o desamparo a partir da ideia de uma impotência do bebê recém-nascido, o qual ficaria completamente à mercê de cuidados e investimentos externos.

Pois bem, buscamos em alguns dicionários brasileiros (tais como *Aurélio, Dicio, Priberam e Houaiss*) a definição precisa da palavra desamparo para que, a partir daí, pudéssemos traçar algumas aproximações e diferenciações teórico-conceituais em relação à noção de desamparo no pensamento de Freud. Assim sendo, o que pudemos constatar é que a noção de desamparo toma formas similares na língua portuguesa: "abandono", "condição de quem está abandonado", "sem auxílio material ou moral", "estado daquilo que caiu no esquecimento", "do que está sem proteção", "ação ou efeito de desamparar", "de não dar auxílio".

Já que entendemos o termo como comumente é empregado em língua portuguesa, vamos – com o auxílio linguístico de Rocha (1999) – tentar entender de que maneira ele se configura em alemão e o motivo, a partir do entendimento semântico, de Freud havê-lo empregado. Assim:

A palavra *Hilflosigkeit* é muito significativa, uma vez que é composta do substantivo "*Hilfe*," que quer dizer auxílio, ajuda, proteção, amparo, do sufixo adverbial modal "*losig*," que indica carência, ausência, falta de, e ainda pela terminação "*keit*", que forma substantivos do gênero feminino, cujo correspondente em português é a terminação "dade". A palavra *Hilflosigkeit* significa, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda - hiflos - sem recursos, sem proteção, sem amparo (Rocha, 1999, p. 334).

É certo que a incapacidade biológica do humano nos primeiros momentos da existência possui

um papel bastante fundamental. Todavia, embora consideremos a incapacidade biológica, não é apenas com questões biológicas que estamos lidando aqui. Afinal, o problema do desamparo também é fundamental porque nos expõe a uma falta de garantias diante do outro, do investimento psíquico tão necessário desse outro a quem nos endereçamos e que se endereça a nós.

*Hilflosigkeit* remete ainda, por assim dizer, a um instigante impasse para a própria psicanálise. Isto porque, embora o desamparo não tenha sido sistematizado em termos conceituais por Freud, tal noção ocupa um lugar bastante distinto na metapsicologia freudiana (Rocha, 1999). Afinal, como pensar a constituição do sujeito fora dessa marca estrutural e estruturante? Somos o que somos, buscamos o que buscamos, fazemos o que fazemos em uma ligação constante com o desamparo.

A partir das presentes constatações iniciais, podemos demarcar que o que nos interessa discutir neste trabalho são as eventuais relações entre desamparo e literatura; desamparo e tragicidade. Aliás, sobretudo esta última aproximação nos interessa (desamparo e tragicidade), pois é nela que começamos a conhecer aquilo que nos marca desde os primórdios na vida e que acima é descrito. Assim, uma vez introduzido o cerne da discussão aqui proposta, sigamos agora rumo a uma tentativa de entrelaçamento entre *Hilflosigkeit* e a literatura.

### **A *Hilflosigkeit* em Freud e a Tragicidade Literária**

Para darmos início a esse tópico, buscamos no trabalho de Quaglia (2006) possíveis relações entre a noção de desamparo em Freud e a dimensão trágica da vida que a literatura pode vir a representar. Dessa maneira, somos remetidos à seguinte perspectiva:

A *Hilflosigkeit* transita em Freud dando um sentido trágico à experiência humana. Na fragilidade do bebê diante de sua incapacidade para sobreviver por seus próprios meios, na angústia diante da separação do objeto de amor, no medo da finitude da vida, na fragilidade do corpo, na força da natureza, no mal-estar na civilização e nas ilusões de proteção, a *Hilflosigkeit* apresenta um movimento crescente, uma marca trágica na obra de Freud. Por fim, chega-se ao desenlace: a *Hilflosigkeit* aponta para a falta absoluta de solução para a condição humana diante de sua fragilidade, para o lugar do vazio da significação do próprio ser e de sua existência (Quaglia, 2006, p. 7).

Diante disso, não nos deve causar surpresa o quanto é nos textos em que Freud aborda a cultura e suas diversas facetas e mazelas que a noção de *Hilflosigkeit* tomará formas ainda mais precisas: seja, por exemplo, quando o homem cria deuses para tentar abarcar sua dor fundamental, seja quando acredita que a ciência poderá salvá-lo de todos os males dos quais padece. Mas a ilusão permanece a mesma, a velha ilusão de que poderemos sair desse estado e nos sentirmos absolutamente plenos (outra vez). Conforme a seguinte passagem de *O Futuro de uma Ilusão*: "Enquanto a humanidade fez progressos contínuos no que diz respeito à dominação da natureza e pode esperar

outros ainda maiores, não é possível constatar com segurança um progresso análogo na regulação dos assuntos humanos” (Freud, 1927/2011, p. 37).

De volta à nossa proposta no presente tópico, porém, é bem verdade que seria possível tentarmos compreender a questão da *Hilfflosigkeit* tomando como ponto de partida outro tema ou área que não a literatura. Todavia, tal como elucidado por Hegel (1835/1997), a literatura se revelaria oportuna para representar de maneira mais fidedigna e completa que qualquer outro tipo de arte a integralidade de um acontecimento, pois nela ocorreria o desenvolvimento da alma, de paixões, de representações ou até mesmo a evolução das fases de uma ação. Sem contar que, de acordo com *A Interpretação dos Sonhos*, o destino da obra nos comove, impulsiona-nos, inquieta-nos e nos tira dos eixos, pois o mesmo destino que é encenado pelo herói da história também poderia ser o nosso (Freud, 1900/2013). Sobretudo nesse caso, em que somos marcados também pela *Hilfflosigkeit* daqueles que nos geraram, fazendo com que o seu ciclo alcance um diâmetro ainda maior.

Assim sendo, é precisamente nessa condição de herdeiros de uma história que nos deparamos com um elo entre a *Hilfflosigkeit* e a tragédia, justamente porque o que temos de mais verdadeiro é que a *Hilfflosigkeit* é, antes de tudo, uma herança. É por isso que todos somos Édipo, assim como também somos Macabéa (Macabéa *c'est moi!* Ou melhor: Macabéa *nous sommes!*). Ou, como bem aponta Birman (1999), a experiência trágica se apresenta para nós na medida em que nos inscrevemos em um destino e que nenhum de nós conseguirá escapar dele: o encontro com aquela verdade que nos aguarda e nos rege desde sempre - a morte. É a partir desta radicalidade que pode ser lida a nossa trajetória trágica.

### **A Hora da Estrela em questão...**

O romance *A hora da estrela* realiza uma ligação com este aspecto acima discutido por Birman (1999), tendo em vista que no romance é descrito que Macabéa recebeu este nome em homenagem à Nossa Senhora da Boa Morte, caso ela “vingasse” na vida. Isto faz com que pensemos que a tragicidade mortífera de nossa heroína se expressa até mesmo em sua designação nominal.

Diante disso, torna-se compreensível que partilhemos da ideia de Quaglia (2006) quando a autora considera a *Hilfflosigkeit* em Freud como algo que remete à fragilidade humana. Ademais, lidamos aqui em particular com a poética (uma das várias dimensões da estética), já que em grego ela – poética – remete à criação. Logo, o sentido amplo que podemos empregar à palavra poética é aquele do que está por detrás de todas as atividades artísticas. Mas talvez a questão primordial para levarmos em consideração quando apontamos os entrelaçamentos entre arte e psicanálise resida no fato de que tanto na tragédia quanto na psicanálise o homem seja apresentado como um ser em conflito, um ser cindido, como se estivesse a caminho de uma desintegração. Em outras palavras, interessa-nos aqui a proximidade entre aquele sujeito angustiado que é representado nas obras e nos palcos e o sujeito que frequenta os consultórios de psicanalistas mundo a fora.

Assim, é levando em conta tal aproximação entre a arte trágica e a psicanálise que consideramos

oportuno um retorno ao Freud (1919/2010) de *O Inquietante*. Mais especificamente, no que se refere ao interessante paradoxo de que, a despeito da sua hoje relativamente conhecida observação, feita no texto em questão, de que não seria comum que os psicanalistas em geral se sentissem inclinados a realizar investigações de cunho notoriamente estético, principalmente quando elas se restringissem a uma espécie de “teoria do belo”, foi justamente por meio do recurso à arte poética que Freud nos comunicou elementos fundamentais das suas teorias. Conforme as precisas palavras de Souza (2015): “...sob o pano de fundo da estética literária, Freud nos brinda com uma inovadora abordagem do outro que, em vez de rechaçá-lo ou projetá-lo alhures, qualifica-o como inerente a tudo o que é humano, cindido por excelência” (p. 73).

Pois bem, e o que são as criações, sejam elas artísticas (propriamente ditas) ou não, senão mecanismos para tentar significar aquilo que muitas vezes nem conhecemos a origem ou que nos ultrapassa, que nos submete, que nos arrebatava e que necessita ser exteriorizado de alguma maneira? Assim, retornando à afirmação de Quaglia (2006), é quando levamos em consideração a *Hilfflosigkeit* do ponto de vista de uma noção-chave na estrutura narrativa freudiana e usamos a própria literatura para tentar compreender a psicanálise que conseguimos nos aproximar do entendimento que o trágico significa na experiência da fragilidade humana. Ou seja, justamente ao compreendermos que a *Hilfflosigkeit* se configura e se mantém viva a partir de brechas e buracos que foram instituídos na atividade humana e que são, em última instância, impossíveis de serem tamponados. Aqui vale a pena destacarmos outro trecho de *O Futuro de uma Ilusão*:

Com o tempo, são feitas as primeiras observações de regularidades e de leis nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perdem seus traços humanos. Mas o desamparo dos homens permanece, e, com ele, os deuses e o anseio pelo pai (Freud, 1927/2011, p. 59).

Aqui Freud (1927/2011) nos alerta para algo bastante elementar: apesar de tudo que somos capazes de criar, não conseguimos dar um “basta!” a uma demanda – de emprego de sentido na vida – que só tende a crescer. Logo, a criação dos deuses significaria a necessidade de proteção frente ao martírio inacabado que a *Hilfflosigkeit* representaria desde os primórdios. Em acréscimo, temos em Freud (1927/2011) a ideia de que essa situação não seria nem de longe nova ou desarticulada, mas advinda da infância e da castração<sup>1</sup> costumeiramente a ela associada, castração esta que faria com que o sujeito da *hilfflos* tomasse uma decisão: ou aliena-se ou separa-se. Em outros termos, dentre as possibilidades que agora se arvoram, o sujeito pode entender esta nova realidade, conformar-se com ela e se separar ou não “aceitá-la” e rebelar-se contra ela, o que o levaria a se alienar. Não se trata de uma coisa ou outra, apenas. É certo que há um privilégio de uma escolha sobre a outra. Mas não podemos deixar passar o fato de que a estrutura que importa manter é a de que a alienação não é sem a separação e vice-versa.

O importante é que, de uma maneira ou de outra, o sujeito sofrerá com os resquícios da

*Hilfflosigkeit*. E é justamente a partir da *escolha* por um ou por outro caminho (que, embora já tenhamos pontuado acima, não sejam excludentes, pois uma escolha não é sem a outra, entendemos que haja um privilégio no caminho a ser tomado) que surgirá o conflito, conflito este que nos comanda e que nos rege por toda a vida. Mais uma vez nos termos de Quaglia (2006, p. 83):

todo esse encadeamento – ação elevada, caráter do sujeito, decisão e conflito – conduzirá o sujeito – possivelmente – ao infortúnio, ao aniquilamento e a seu esmagamento final. Esse é o esquema objetivo do trágico em Aristóteles. Esse é o esquema da *Hilfflosigkeit* em Freud.

Se levarmos isso em conta, alerta-nos Pereira (2008), compreenderemos melhor como, sobretudo nos textos mais tardios de Freud, o modo como ele lida com a noção de desamparo se apresenta de maneira mais radical, pois se no início é enfocada a incapacidade objetiva do sujeito recém-nascido em satisfazer ou sanar por conta própria suas necessidades, depois Freud apresenta uma perspectiva mais drástica e ampliada da *Hilfflosigkeit* em termos de uma completa ausência de proteção ou de garantias em face do existir. Daí, como vimos há pouco, a relação estabelecida pelo mesmo Freud entre o desamparo e os deuses criados pelos homens.

Dessa maneira, compreendemos que há uma necessidade radical em construir esforços sobre-humanos para superar as contingências insuportáveis que sempre se apresentarão em nossas vidas. De volta aos nossos objetivos no presente artigo, porém, cabe perguntar: mas por que essa tentativa de um entrelaçamento entre a *Hilfflosigkeit* e a literatura? Bem, porque, em sendo a literatura um consolo diante da vida humana, tal como Freud (1930/2012) bem o demonstrou em *O Mal-estar na Cultura*, servindo como espécie de apaziguamento frente aos numerosos martírios decorrentes da vida em sociedade, não à toa ela – a literatura – se aproxima no texto freudiano de certas drogas, do amor e da própria religião. Aproxima-se no sentido de dar vazão para os martírios impostos pela atividade humana. Nesse sentido, é a partir de tal articulação que podemos pensar que a literatura nos facilita compreender que o ser humano não é marcado por uma beleza monumental e que sua existência não é regida por harmonia, simetria e encantos. Com efeito, a existência humana, tal como nos confronta a psicanálise e a arte, é regida pela tragédia e pelo conflito.

Neste ponto, tomamos uma passagem de *A Hora da Estrela* para tentar compreender como esta falta de harmonia é expressa de maneira sublime por Lispector (1998, p. 88): "(...) Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo". Clarice aponta a impossibilidade de uma existência linear quando nos força a enxergar que há sujeitos completamente *assujeitados* a um destino insólito. Que muito embora não haja prosperidade, beleza e felicidade, ainda assim há quem se submeta a isto somente pelo "privilégio" de estar vivo.

Como nos diz Seligmann-Silva (2012), a arte possui uma capacidade catártica elevada e é nela que conseguimos visualizar de maneira muito nítida uma impressionante combinação entre terror e libido. E aqui, uma vez mais, claras aproximações entre a literatura e a psicanálise se estabelecem, pois,



como nos diz Chaves (2015, p. 21):

Um traço comum une Freud e seus artistas, não apenas Leonardo ou Michelangelo, mas também Goethe e Shakespeare, que é o apreço pela transgressão das normas estabelecidas, dos cânones, sejam eles científicos ou literários. O “herói” freudiano não é mais, portanto, aquele que luta contra o destino inexorável, a “moira” dos gregos, mas aquele que luta contra seu próprio desejo, mesmo que essa luta seja inglória e fracassada de antemão.

Nessa mesma linha de raciocínio, também Pontalis e Mango (2013) não medem palavras ao afirmarem que a psicanálise tem uma eterna dívida para com a literatura. Aliás, trata-se de uma dívida em mais de uma ocasião reconhecida pelo próprio Freud (1919/2010), que fez questão de deixar bem claro o quanto os poetas detinham um acesso privilegiado à realidade psíquica e, ainda, o quanto a criação literária é sempre um campo notável para o estudo de mecanismos psíquicos que são, muitas vezes, pouco perceptíveis e que unem o fantasiar do criador à sua realização poética e artística<sup>2</sup>.

A *Hilfflosigkeit* se constitui mediante a instauração de uma brecha impossível de ser extinta. O que nos marca, o que nos define, por excelência, é uma forma de existir na insegurança, muito embora seja justamente esta insegurança, esta espécie de incerteza que também possa promover algum sentido em nossa existência. Assim, devido a nossa condição de *entregues*, combatemos no intuito de descobrir outras saídas para as situações que foram expostas pela *Hilfflosigkeit*.

É nesse sentido que temos em Macabéa uma importante referência sobre esta questão. Afinal, ao descrever Macabéa, Clarice Lispector, em sua última entrevista, afirma que a história era de uma moça pobre, uma moça que era tão pobre que só comia cachorro-quente. Em outros termos, Clarice estava dizendo que Macabéa era tão desvalida, tão desprotegida, tão desabilitada que a referência maior que poderia fazer a ela era realizar uma menção a sua dieta precária e inócua. Ademais, até mesmo Macabéa se reconhecia na condição de *abandonada*, quando a mesma afirmava que: “(...) desculpe, mas acho que não sou muito gente. (...) é que não me habituei” (Lispector, 1998, p. 48).

Assim, nosso conflito trágico-cultural, digamos assim, parece ser justamente que criamos a cultura para que ela nos protegesse de todos os males, mas descobrimos a duras penas que a sociedade é justamente o nosso maior empecilho para uma suposta felicidade.

A literatura surge assim como lenitivo diante desse fim em si mesmo da *Hilfflosigkeit*, ela surge para nos proporcionar algum momento de prazer, mesmo que pela via do horror, do feio, do insuportável. Em síntese, tragicidade e *Hilfflosigkeit* encontram na literatura um meio de expressar a verdade última do sujeito. Ou seja, a fragilidade e a falta de garantias às quais todos nós estamos imersos. Os poetas fizeram assim seu “dever de casa” de maneira excepcional: eles reportaram tudo aquilo que vivenciamos e sentimentos para as páginas dos romances.

### **A Hora da Estrela: a *Hilfflosigkeit* em ação no romance clariciano**

Após realizarmos algumas considerações sobre o desamparo no tópico anterior, procuraremos detalhar, agora, com mais propriedade e especificidade a originalidade e importância da obra de Clarice Lispector para a discussão da temática supracitada.

Nesses termos, *A Hora da Estrela* é um romance de Clarice Lispector que aparece, segundo Hélène Cixous, no rol de um dos mais importantes da história da literatura mundial (Cixous, 1987). É, ainda, o último romance de Lispector e foi escrito em estado de emergência. O que isto significa? Significa que Clarice escreveu este pequeno grande livro como quem escreve um diário às pressas – porque sabe que tem pouco tempo – para tentar deixar registrado tudo aquilo que a assolava naquele momento. Daí surge *A Hora da Estrela*, um romance que – dentre as inúmeras funções que exerce – serve para que reflitamos sobre a condição humana e que nos enxerguemos a partir do prisma do desamparo.

Clarice sempre foi “acusada” de ser uma escritora que escrevia para mulheres, uma escritora feminista por excelência. Então é com *A Hora da Estrela* que ela escancara que era ‘apenas’ escritora e que por exercer tal ofício escrevia sobre o humano, e não acerca de determinadas categorias de gênero, raça ou credo. Ela escrevia para quem a quisesse ler e muitos se identificavam com seus personagens justamente por eles abordarem as mazelas da vida cotidiana, dissabores estes relacionados à marca estruturante do desamparo.

Mas vamos ao romance. Como é bem sabido por boa parte dos leitores de língua portuguesa, trata de uma história que conta a vida de Macabéa, nordestina que migra para uma grande cidade do Sudeste brasileiro - no caso, o Rio de Janeiro - e que lá encontra a crueldade em uma das suas formas mais violentas: aquela da invisibilidade social. Ou seja, Macabéa não é bem-vinda naquela cidade e nem, ao que parece, na própria vida, tendo recebido seu nome paradoxalmente em homenagem a Nossa Senhora da Boa Morte. Isto porque, quando muito jovem, sua mãe não acreditara que fosse sobreviver. Assim, prometeu a esta aclamada santa do Nordeste brasileiro que, caso vingasse, a filha receberia o nome em sua homenagem. E assim foi. E é a partir dessa interpenetração entre vida e morte, uma sensação de desassossego estabelecida desde as primeiras páginas do romance, que *A Hora da Estrela* aparece para Melo (2015) como atravessado por uma profunda estranheza:

Ler tal obra é ser, de alguma forma, violentamente lançado nesse universo inquietante e questionador. Diria mesmo que é impossível não se sentir tentado a tecer comentários sobre os temas que compõem o romance. Ao nos depararmos com tal quadro, desponta uma necessidade urgente, uma quase obrigação de elaborarmos algumas respostas nem que seja para nós mesmos, para não sentirmos o incomodo de parecer, em absoluto, com a personagem. Surge uma vontade de agir, como se pudéssemos gritar (e ser ouvidos) em bom e alto som: Reage, Macabéa! Fala alguma coisa! (p. 151).

Ou seja, Macabéa parece representar nossa parte mais obscura, a qual tentamos a todo instante

esconder ou renegar, algo expresso com todas as letras por Rodrigo, o narrador fictício da história: “só de pensar que eu poderia ter nascido ela, estremeço.” (Lispector, 1998, p. 39). Ou ainda, um pouco mais adiante: “A moça é uma verdade da qual eu não queria saber” (Lispector, 1998, p. 39). Por isso também Clarice Lispector precisou criar Rodrigo: para que a história de Macabéa pudesse ser posta não porque ela enquanto mulher “choraria piegas”, mas porque, como bem disse Franca (1999), Clarice acoberta sua fragilidade pela via do narrador interposto e se desnuda toda em Macabéa. Em suma, Clarice foi obrigada a criar Rodrigo para poder transpor, sem amarras, a sua própria dor em Macabéa.

Ao pensarmos no estranhamento que Macabéa nos causa, podemos entender que, tal qual o paralelo etimológico que pode ser estabelecido entre as palavras “estranho” e “extra” (ou seja, aquilo que está de fora, que não nos pertence, que é estrangeiro), Macabéa, sozinha e largada no mundo, representa precisamente aquilo que queremos jogar para o lado de fora, muito embora essa nossa inquietante estranheza para com a personagem também aponte para a possibilidade de que ela nos é muito mais próxima do que desejaríamos que fosse. Ela é o nosso estranho familiar, aquele que não apenas repele, mas também causa fascínio. E por isso o horror. Nos termos de Freud (1919/2010, p. 331): “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar”.

E é nesse sentido de uma inquietante estranheza que é, ao mesmo tempo, bastante familiar por remeter ao retorno de um recalco que temos a figura de Macabéa como uma lembrança do trágico que habita em nós. Afinal, Macabéa é feia, ignorante, ingênua, virgem e intensamente solitária. Ou, como resume Rodrigo, o narrador da história: “ela era incompetente para a vida” (Lispector, 1998, p. 1). Em tal contexto, torna-se interessante acrescentar aqui o quanto, em certos instantes, a própria Macabéa se dava conta da sua incompetência. Afinal: “vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si mesma” (Lispector, 1998, p. 69).

Diante disso, esperamos haver tornado mais clara a relação que buscamos estabelecer entre a noção de desamparo em Freud e o romance de Clarice Lispector, relação esta pautada na ideia básica de que Macabéa representa tudo aquilo que odiamos e temos repulsa em reconhecer. Ela é a nossa lembrança nítida do horror, da infelicidade, da transitoriedade da vida, da finitude completa e alarmada. Contudo – e isso talvez possa nos causar ainda mais desassossego -, apesar da miséria objetiva de sua condição, há na personagem uma notável ausência de angústia (ao menos em um primeiro momento), já que Macabéa conseguia dormir profundamente. Ou seja, ela não era insone, apesar de toda a sua miséria material e espiritual (Pereira, 1998). Talvez esse deliberado desconhecimento de si mesma fosse, antes de tudo, uma proteção contra se descobrir um ser desejante. Pois quem deseja, o faz porque faltoso é. Quem demanda, demanda porque a marca do desamparo se apresenta de maneira pulsante em seus atos e palavras. E, ao que nos parece, Macabéa tenta mascarar isso ao se mostrar conformada com um destino violentamente imputado a ela.

## **Considerações Finais**

Para encerrarmos, vale a pena recapitular. Assim, o presente trabalho deteve como fio condutor até aqui uma aproximação entre a noção freudiana de desamparo (*Hilflosigkeit*) e a dimensão trágica da escrita literária, tomando como exemplo privilegiado para a reflexão acerca de tal enlace o romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Assim, é imperioso demonstrar que uma das funções deste artigo e a qual procurei salientar ao longo da presente pesquisa diz respeito ao fato de que há uma maneira privilegiada de lidar com questões demasiadamente humanas e esta reside no fato de que poetas possuem acesso direto aos conflitos humanos e os expõem de maneira indubitavelmente mais inequívoca que qualquer profissional das mais diversas ciências, Freud concordaria com tal assertiva.

Isto já fora abordado demasiadamente por outros teóricos e pelo próprio Freud em diversos momentos de sua obra, mas não poderíamos deixar de enfatizar – em um trabalho que tem isto no centro da sua discussão – a importância deste diálogo da psicanálise com a arte, inclusive e sobretudo a literária. O intuito maior não é destacar que há uma elevação da psicanálise em detrimento a literatura, muito pelo contrário, é expor que é um instrumento que pode ser plenamente utilizado para demarcar determinadas condições humanas. Que ambas conversam e se articulam para o melhor debate sobre as questões humanas.

É certo que um encontro tão profícuo como o acima descrito não se dá de maneira somente esplêndida e que há muito sofrimento em jogo, sobretudo da parte do criador. É certo que, como afirmou Clarice certa vez, a escrita é uma possibilidade de comunicação de algo muito maior e que por esta via conseguia expressar-se. O lidar com o *insuportável* da falta nunca será algo pleno e sem maiores aflições. Freud (1930/2012) já teorizou sobre este impasse e os poetas continuam a escrever sobre isto.

Outro ponto que merece que retornemos para um novo destaque é que fora abordado e enfrentado o fato de que muito embora não haja um trabalho freudiano especificamente dedicado ao entendimento e à conceituação da noção de desamparo, esse termo articula-se ao traumatismo do nascimento, ao primeiro grito (primeiro apelo ao Outro de boa vontade - *Nebenmensch*) angústia de separação e perda do outro materno, angústia de castração, fornecendo subsídios para um entendimento amplo graças ao entrelaçamento com essas outras noções.

Ademais, quando realizamos a aproximação entre a *inquietação* que obras literárias como *A Hora da Estrela* nos causam e o desamparo humano, levantamos a discussão sobre o texto freudiano intitulado *O Inquietante* (1919/2010) e de que maneira entendíamos que foi a partir do incômodo de ler a *Macabéa* de Clarice que estas investigações puderam ocorrer. Isso vem a complementar uma ideia que pode servir de ligação ao abordar *A Hora da Estrela*, ou seja, é possível afirmar que o romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e, mais intimamente, a personagem Macabéa representam, em última instância, esse *inquietante* freudiano. Afinal, Macabéa desperta em nós leitores sentimentos que se aproximam do horror, do asco, do assombro, da aflição. Em resumo, da estranheza a um inominável que, na verdade, é bem mais familiar do que costumamos imaginar e que, apenas latente, recalcado, também nos constitui e – por que não dizer? – remete-nos aos nossos próprios limites, ao nosso próprio desamparo.

Ou seja, *A Hora da Estrela* permite que revivamos sensações que se aproximam de uma *inquietante estranheza*. Assim, o recurso trágico reside justamente na constatação dos sentimentos negativos com os quais nos deparamos e que remetem aos nossos próprios afetos obscuros. Daí uma das maiores contribuições que Freud (1919/2010) nos deixa em *O Inquietante* ser justamente pensar a arte, sobretudo a poética, fora do âmbito meramente belo e harmônico. Pois aquilo que nos move de maneira primordial é justamente aquilo com o que evitamos lidar: o horror, seja ele o horror da separação, da diferença ou da estranheza, mas sempre o horror.

Macabéa não nos deixa esquecer nem por um segundo o horrível ou até mesmo o absurdo que é *ser humano*, este ser conflitante por natureza, dividido, sofrido, destrutivo, pulsional. *Ser Humano* é aceitar sua condição trágica, mas nem por isso paralisar-se nela. *Maca* demonstrou isto. Passou de um ser aparentemente sem aspirações, conformada, submissa ao seu destino, a alguém que tinha sangue correndo nas veias quando descobriu que podia desejar. Saiu triunfante e fez todos a enxergarem, mesmo que em seu apogeu final.

#### Notas:

1. Segundo o Dicionário de Psicanálise, encabeçado por Roudinesco e Plon (1998), o termo castração diz respeito ao “sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos.” (p. 105). Assim, a castração surge na infância a partir da descoberta da diferença sexual. A castração é uma interpretação infantil da diferença sexual que é estrutural. Ela se apresenta em todos os momentos da existência humana como um resíduo desse trauma e eco do traumatismo do nascimento, do desamparo originário e das perdas precoces (seio, fezes, etc.).
2. Postura essa marcadamente presente também ao final da conferência de 1933, intitulada *Feminilidade*, onde, ao alertar seus leitores que, caso quisessem saber mais a respeito dessa temática, Freud (1933/2018) sugere que indagassem os poetas, verdadeiros conhecedores da alma feminina – ou melhor, da alma humana.

#### Referências Bibliográficas

- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Castello, J. (1998). *Apresentação*. In C. Lispector. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Chaves, E. (2015). *O Paradigma Estético em Freud*. In: S. Freud. *Arte, literatura e os Artistas*. Belo Horizonte: Autentica.
- Cixous, H. (1987). *A hora de Clarice Lispector*. São Paulo: Nós.
- Franca, D. C. (1999). *A caminho de Clarice: interface entre literatura e psicanálise* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Federal do Pará, Pará, PA, Brasil.

- Freud, S. (2010). O Inquietante. In S. Freud. *Obras Completas, Volume 14: História de uma Neurose Infantil ("O Homem dos Lobos")*, Além do princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2013). *A interpretação dos sonhos*. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2011). *O Futuro de uma Ilusão*. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2012). *O mal estar na cultura*. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2018). Feminilidade. In S. Freud. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1933).
- Hegel, G. W. F. (1997). *Curso de estética: o sistema das artes*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1835).
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leite, S. (2011). *Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lispector, C. (1998). *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Melo, L. S. (2015). Resenha – A Hora da estrela: uma narrativa de pequenas epifanias. *RBSE*, 14(42), 149-157.
- Pereira, M. E. C. (1998). *Leituras da psicanálise: estéticas da exclusão*. São Paulo: Coleção leituras no Brasil.
- Pereira, M. E. C. (2008). *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Pontalis, J-B, & Mango, E. G. (2013). *Freud com os escritores*. São Paulo, SP: Três Estrelas.
- Quaglia, G. (2006). *A Dimensão Trágica da Hilflosigkeit em Freud* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia – Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Rocha, Z. (1999). Desamparo e Metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Revista de Filosofia Síntese*, 26(86), 331-346.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Seligmann-Silva, M. (2012). *A cultura ou a sublima guerra entre amor e morte*. In: S. Freud. *O Mal Estar na Cultura*. Porto Alegre: L&PM.
- Souza, M. R. (2015). *Experiência do Outro, Estranhamento de Si: dimensões da alteridade em Antropologia e Psicanálise*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo.

**Citação/Citation:** Costa, J. S. L. da, & Souza, M. R. de. (mai. 2023 a out. 2023). A Hora da Estrela: desamparo e tragicidade na obra clariciana. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 115-129. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n36p115-129.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/ Received:** 28/07/2023 / 07/28/2023.

**Aceito/ Accepted:** 17/08/2023 / 08/17/2023.

**Copyright:** © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.